

Trajetórias, vivências e significações: os pescadores profissionais de Coxim/MS

Silvana Aparecida da Silva Zanchett¹

A história oral e as memórias, pois, não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias. (PORTELLI, 1996).

Resumo: Este artigo aborda as trajetórias de vida dos pescadores profissionais do município de Coxim-MS. Aspectos de suas vivências e as significações construídas no exercício da profissão, ou seja, os embates cotidianos que cada sujeito experimentou, em sua história de vida, com seus valores e particularidades. Entre eles está a inserção na pesca, marcada por memórias da riqueza e da abundância de peixes, apresentada por muitos pescadores, e as memórias de outros que encontraram na pesca uma alternativa para sua sobrevivência. A cidade de Coxim, localizada na região pantaneira, é conhecida como a “capital do peixe” e sabemos que os rios desse local têm uma enorme riqueza de pescados. Entretanto, existe um processo de produção do esquecimento dos pescadores e de suas histórias. As narrativas nos falam acerca das experiências desses trabalhadores que explicitam dimensões do tecido social tenso deste local.

Palavras-chave: Pescador-profissional, Pantanal, vivências, trajetórias

¹ Graduada em História – licenciatura, professora substituta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul /CPCX. Email: silvanazanchett@hotmail.com

Resumen: En este artículo se abordan las trayectorias de vida de los pescadores profesionales del municipio de Coxim- MS. Aspectos de sus vivencias y las significaciones construídas en el ejercicio de la profesión, o sea los embates cotidianos que cada sujeto experimentó en su historia de vida, con sus valores y particularidades. Entre ellos está la inserción en la pesca, marcada por memorías de la riqueza y de la abundancia de peces, presentada por muchos pescadores y las memorías de otros que encontraron en la pesca una alternativa para su supervivencia. La ciudad de Coxim, localizada en la región pantanera, es conocida como la “capital del pez” y sabemos que los ríos de este lugar tienen una enorme riqueza de peces. Sin embargo, existe un proceso de producción de olvido de los pescadores y de sus historias. Las experiencias de esos trabajadores que demuestran dimensiones del tejido social tenso de este lugar.

Palabras-clave: pescador profesional, Pantanal, vivencias, trayectorias.

A partir da epígrafe observo as possibilidades de se fazer uma análise historiográfica do cotidiano e as experiências dos pescadores profissionais do município de Coxim no estado de Mato Grosso do Sul, no intuito de compreender as vivências e significações desses trabalhadores, frente às possibilidades com que se deparou em suas trajetórias de vida. A esse respeito e inspirada por Heloísa Helena Pacheco Cardoso, compreende-se:

Quando os indivíduos são escolhidos como “testemunho” de uma época e aceitam narrar os acontecimentos a partir de si próprios, a história oral lhes possibilita a afirmação como sujeitos históricos e, por meio da explicação das suas vivências, desejos e sentimentos, também a do grupo social a que pertencem. Ao mesmo tempo, ao se exporem, eles trazem nas suas narrativas os elementos de tensão presentes nas relações sociais. (CARDOSO, 2000, p.185).

Nesse sentido Cardoso, (2000) salienta a importância da história oral enquanto método de pesquisa histórica necessária na busca de compreender os anseios e as expectativas de vida dos trabalhadores, ou seja, a história de vida dos pescadores profissionais narrado por

eles mesmos. Analisando as narrativas de trabalhadores que vivem da pesca, pode-se afirmar que se encontram elementos que revelam sua relação com o Estado e com os demais membros desta categoria. Dessa maneira, procuro o que Motta afirma ser “[...] uma carga de vestígios que significam no gesto daquele que diz, o lugar que ele, enquanto sujeito ocupa no social”². E as experiências dos trabalhadores fazem compreender os sentidos que eles conferem à realidade do trabalho, o que nos possibilita identificar suas significações num processo histórico mais amplo. Riegel afirma, “a experiência cultural dos trabalhadores modifica significativamente as relações que eles estabelecem com a realidade social a qual foram inseridos”³, portanto, é preciso considerar as trajetórias de vida e as experiências de trabalho que são compartilhadas pelos pescadores, observando a relevância da profissão para cada um deles buscando, compreender o papel desempenhado por tais trabalhadores no processo histórico. Percebe-se a pluralidade de olhares acadêmicos e de escritores memorialistas projetados sobre a atividade pesqueira, porém o objetivo desse artigo é analisar oralmente as trajetórias de vidas e suas significações que não se diferem muito de outros trabalhadores brasileiros, principalmente os relacionados à pesca profissional.

Para selecionar os depoentes, fui orientada por meu esposo, Wanderson, que convive com estes trabalhadores diariamente, pelo contato na Peixaria Peixe Vivo, em que ele trabalha. O contato com os depoentes ocorreu, primeiramente, com longas conversas, as quais me fizeram refletir sobre a empolgação dos narradores ao

² MOTTA, Ana Luiza Artiaga Rodrigues da. *O sujeito no discurso ecológico sobre a pesca na cidade de Cáceres-MT*. 2003. 136 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Campinas-SP: UNICAMP, 2003, p. 76.

³ RIEGEL, Fábio Willian. *Experiências, Trajetórias e Trabalhos: A Pesca Profissional e a Constituição da Colônia de Pesca Nossa Senhora dos Navegantes - Santa Helena - PR (1990-2005)* Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Marechal Cândido Rondon-PR : Unioeste, 2005, p.7.

serem procurados, e da necessidade deles em falar sobre suas vidas. Percebi que, por meio do meu trabalho, eles se sentiram reconhecidos e valorizados e a troca de informações proporcionou-me um aprendizado e uma experiência pessoal, partindo da teoria para a prática, compreendendo que a memória se remete a um passado individual, mas que não se aparta do seu meio social.

A cidade de Coxim é conhecida como *a capital do peixe*, mas tal fator se concretiza, sobretudo nos esforços em desenvolver o turismo no lugar, do que no apoio aos pescadores profissionais. A pesca profissional também é visualizada por muitos como um processo de depredação, devido a diversos problemas ambientais que estão ocorrendo em nossos rios, com isso é imprescindível ouvir estes trabalhadores e suas adversidades. É preciso também reconhecer que os membros dessa categoria vivenciaram e experimentam realidades de pesca, hoje, no âmbito regional e principalmente em áreas pantaneiras.

Como o estudioso britânico Raphael Samuel afirma “as categorias abstratas da classe social ao invés de serem pressupostas, têm de ser traduzidas em diferenças ocupacionais e trajetórias de vidas individuais” (SAMUEL, 1989, p. 220). Nesse sentido, delineia-se a importância de se analisar as trajetórias de vida dos trabalhadores que sobrevivem da pesca profissional.

Sobre o porquê de ter escolhido a profissão de pescador, foi comum encontrar entre as narrativas dos entrevistados o argumento de que a pesca, profissional ou não, compunha a sua infância. Muitos deles apontam que, em Coxim, uma das grandes motivações para seguir esse ofício era a abundância de pescados, existentes no rio Taquari, o que tornava a atividade muito atrativa. Outra motivação era representada pela possibilidade do pescador não estar cumprindo ordens de outras pessoas e, relativamente, poder estabelecer o seu próprio ritmo de trabalho.

O senhor Braz de Oliveira, destaca que pesca desde sua infância, “é desde dos doze ano de idade é que eu pesco é comecei pescá na Bahia no rio São Francisco”, como pescador profissional, em Coxim, ele frisa que sua permanência no ofício foi motivada principalmente devido à riqueza de pescados, como afirma, “dava é pra viver bem da pescaria naquela época”, e relata também que esteve na cidade de Corumbá, quando a pesca com rede ainda era liberada. Sobre a pescaria no início, no município de Coxim, o senhor Braz nos conta que:

[...] pescava no Pantanal é por ai tudo né [...] era pescaria di rede né [...] acampava, mudava de acampamento as vês né, conforme [...] o pexê saía das boca de baia, a genti acompanhava (...) eu comecei a pescá aqui [...] era no remo, pescaria era no remo no tempo do Manoel Linares do Michel né não tinha gelo, (risos) é todo peixinho fresco que pegava por aqui né, agora lá pra baixo não era charque [...] É fazia tudo charque, levava o sal pra fazê o charque só que vendi muito na época vendia muito pôs paulistano pessoal di...di Goiás aqui sempre sempre tinha caminhão ai na procura de peixe secô né a gente vendia muito desde a curimba pra japonesada de Rio Preto [...].

Suas lembranças emergem da maneira de trabalhar na pesca, durante a década de 1960, dos instrumentos utilizados e dos métodos empregados para “conservar” os peixes. O senhor Braz se casou e constituiu sua família, e relata que “cuidou” dela pescando e em sua narrativa, ele aborda a importância de escolarizar-se na busca de uma melhor alternativa de condições de vida, lembrando que não teve a possibilidade de estudar, “eu fiz uma coisa pra eles que meu [...] meu pai não fez pra mim que foi né o estudo né”. Afirma, assim, que ele fez a parte dele, compreendida como “dar o estudo” para seus filhos, frisando que, se estes não o fizeram foi porque não quiseram. Compreende que hoje a pescaria passa por dificuldades, com a diminuição no volume de peixes nos rios, o que inviabilizaria a permanência nesse ofício.

Aposentado há dezessete anos, compreende os pontos positivos da profissão a partir da renda que ela proporcionava nos tempos de fartura de peixes nos rios. Destaca também que a profissão é desgastante, pois o trabalhador muitas vezes come e dorme mal, em decorrência ocorre a “ganância” por pegar muito peixe. O Entrevistado pescou durante muitos anos no Pantanal, cuidando de um pequeno rancho de pesca, onde as lanchas de pesca paravam para desembarcar o peixe. Esse lugar ficou conhecido como “Braz” até hoje, devido à presença dele naquele local.

O senhor Armindo Batista dos Santos, atual presidente da Colônia de pesca, nascido nesta cidade, entrou em contato com o ramo da pesca quando ainda prestava serviço militar no ano de 1978, sendo convocado pela guarnição para patrulhar os rios de nosso estado, juntamente com a SUDEPE⁴ (Superintendência do Desenvolvimento da Pesca). Sobre o trabalho nesta fiscalização relata que:

[...] me apaixonei pelos rios, pela natureza, pelas cachoeiras, pelas espécies de peixes que tinha aonde eu passei a entrar em contato com os pescadores [...] dando baixa eu fui convidado pelo coronel Flávio, o comandante do exercito na época que, eu fui convidado pelo Estado a assumir um órgão pra fazê essa fiscalização qui é o Inambi. E por perseguição política [...] mi tiraram do Inambi (...).

Nesta narrativa o senhor Armindo frisa que antes de ser um pescador profissional atuou como um representante do estado na fiscalização, cargo ocupado por indicação política. Logo em seguida ele diz que, por perseguição política foi demitido do

⁴ SUDEPE, (Superintendência do Desenvolvimento da Pesca). “A Coordenadoria Regional da SUDEPE em Mato Grosso do Sul tem, em suas funções precípua, representar a Superintendência e coordenar os assuntos e interesses do órgão federal no Estado. O órgão atua através de convênio e deve exigir a estrita observância de suas cláusulas, repassarem recursos e cobrar resultados dos mesmos”. SILVA, Miguel Vieira da. Ibidem, p.03.

INAMB⁵(*Instituto de Preservação e Controle Ambiental, MT-MS*). A partir da experiência de trabalho nesse órgão, narra seu apego à profissão, discorrendo que, ao entrar em contato com a riqueza da natureza se “apaixonou” pela pesca e não demonstra o ingresso no ofício por “falta de oportunidade”, mas por uma espécie de motivação a exercer a profissão de pescador profissional. Conforme prossegue:

[...] eu já não conseguia mais viver fora do rio i me acostumei, se apeguei no rio nesse ramo eu não era desse ramo meu ramo era outro i ai qui que eu fiz, me documentei procurei a marinha fiz um curso e procurei a colônia de pesca, qui é essa hoje eu sou presidente, i fui pescá e onde exerci a minha pesca é [...] de 1983 até 99 [...] de pescá onde eu vivi e sobrevivi da pesca.

Assim, o senhor Armindo relata sobre o seu apego pela profissão e menciona sobre o curso para pescar embarcado, realizado pela companhia dos Portos dos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, sendo que este lhe dá o direito de transitar pelos rios, pilotando motores de popa, lanchas e chalanas pesqueiras. Ao mesmo tempo relata a importância de se documentar para exercer a profissão, ficando amparado legalmente. Nesse sentido, ele toma um discurso para se legitimar enquanto representante da Colônia de pesca, projetando sobre o passado, valores que nutre no presente, em virtude do cargo que ocupa. Antes de ser pescador profissional o senhor Armindo exercia o trabalho agrícola, trabalho braçal e sempre esteve *embaixo de ordens*.

⁵ INAMB, *Instituto de Preservação e Controle Ambiental, (MT-MS) - (Extinto)*. Criada em janeiro de 1979, com a finalidade de “executar a política de racionalização do uso e conservação dos recursos naturais, bem como de preservação e controle ambiental no território do Estado” (Art. 2º, do Decreto nº 23, de 1º de janeiro de 1979), o INAMB tinha como meta da política do governo de então a meta nº2, isto é, meio-ambiente. “Para a fiscalização da pesca no Estado de Mato Grosso do Sul, foi firmado um termo de convênio entre a SUDEPE e o INAMB, com vigência para cinco anos, renovado em 1984 por mais cinco anos”. SILVA, Miguel Vieira da. *Ibidem*, p.03.

Com isso, sempre vivia subordinado a superiores. Afirma que “começou a viver” depois que passou a pescar:

[...] inclusive é quando eu saí do estado que eu fui pescá foi qui eu fui vivê a minha vida por que eu era empregado até a época qui colhia muita arroz naquela época quase não tinha soja né, trabalhei máquina de esteira, trabalhei com colhedeira, trabalhei ... fazenda com gado meu pai criava gado né, adomava cavalo era meu serviço era um serviço grosseiro então era sempre mandado [...] quando eu fui pro exército era de baixo de ordem aqui era aqui entrei por deputado, eu era mandado debaixo de ordem cumprir ordem, eu fui vivê minha vida depois que fui pescá, aos trinta anos foi que eu parece que eu fui sê dono de mim [...].

Nesta narrativa, analiso que a pesca significou para ele a liberdade, por possibilitar um controle relativamente próprio do ritmo de trabalho. Ao ser mantido “embaixo de ordens” é como se ele “vivesse preso”, como se não estivesse tendo a sua própria vida, realizando apenas vontades de outros. Outro fator relevante é a afirmação de que, ganhava muito dinheiro, assim podia se organizar de maneira que, iria pescar quando era conveniente, sem receber ordens de ninguém.

Em seu depoimento frisa muito o gosto que possui pela pesca. Sobre o fato de ser Presidente da Colônia de Pesca de Coxim e vice-presidente da Confederação de Pesca do Estado de Mato Grosso do Sul, sendo assim, está afastado do trabalho cotidiano nos rios, e relata:

[...] mas gosto da pesca, sinto saudade da pesca, gosto demais de pescá e está trabalhando direto aqui, [...] vejo a dificuldade e vê a vida que eles levam né [...] e vejo a dificuldade, vejo esse governo que ficou uma perseguição muito grande pra na eminência de extingui a pesca profissional artesanal e sem acenar com nenhum projeto para os pescadores real que compensasse a perca da profissão. Então eu acho muito ruim isso eu sou de acordo de preservá, mas a pessoa pesca (...) no rio trabalhando né se tivé de acabar que acabe naturalmente.

Assim, legitima o seu afastamento do trabalho cotidiano nos rios, por ser uma voz política em exercício direto com e pela sua categoria. Relata também a importância da profissão e sua preocupação na erradicação da pesca profissional em Mato Grosso do Sul, sob a alegação de causarem problemas ecológicos.

O senhor Osvaldo Nabam mudou-se para Coxim no ano de 1973 para trabalhar na Prefeitura e, posteriormente, no governo estadual trabalhando no Dersul. Todavia, afirma que, “toda vida gostei da pescaria” e, por desentendimento nos empregos anteriores, começou a exercê-la profissionalmente. Inicialmente a conciliava com as demais profissões que exercia simultaneamente, prática que acabou por abandonar.

A seu ver, a pescaria lhe rendeu bons recursos financeiros, afirma que com esse ofício conseguiu sustentar sua família e dar escolaridade para seus filhos. Além disso, representa para ele também diversão, alegria, principalmente quando consegue pagar as despesas. Hoje está aposentado como pescador profissional, mas ainda pesca para ajudar nas despesas do lar. Considera a pescaria igual a um jogo, onde se acerta ou não

A pesca no Pantanal era muito rica, afirma o Senhor Osvaldo, pois, anteriormente em poucos dias conseguia pegar a cota de peixe. Percebe-se, então, que neste momento não existe uma crítica a tais limitações impostas por órgãos governamentais, pelo contrário, elas até serviam de parâmetro para um ritmo de trabalho seguido pelos pescadores que não prejudicasse sua qualidade de vida. Segundo ele, o valor do pescado era desvalorizado, mas se conseguia pegar muito peixe:

Era numa semana se chegava lá com a lancha já enchia né ai [...] só que o mais esperto pegava mais né naquele tempo naquela época o peixe igual o Batista falou não tinha valor era barato demais hoje você pega pouco peixe é muito dinheiro [...] naquele tempo o pescador não comia carne, comia peixe porque o [...] peixe era baratinho a carne era cara[...] hoje o pescadô faz churrasco e vende o peixe quem come o peixe é só mais a crasse alta [...].

Este exemplo também é citado pelo Sr. Armindo, comparando à valorização do pescado hoje:

[...] que o pouco que o pescadô que pega hoje, vale muito pelo que ele pegava naquela época [...] valorizô eu cheguei a pegá 100 quilo de peixe pra pagá 100 litro de gasolina hoje com 100 quilo de peixe eu chego paga 300 litros de gasolina então [...] as veis a pessoa fala aaah... não dá mais pra pescá, não dá mais nada hoje nois pega um peixe [...] mais muitos pescadô pega um peixe e faz um salário mínimo, [...].

Mesmo que a pescaria, atualmente, esteja passando por dificuldades em relação à diminuição de peixes, é possível perceber a valorização do pescado, o que torna o exercício da profissão ainda viável para esses trabalhadores que não têm outra profissão, tampouco condições para mudar de profissão. Enfim, seu Armindo narra que a pesca ainda como atividade rentável é a melhor alternativa para esses trabalhadores, diante da realidade em que vivem.

Há uma legitimação do pescador profissional, economicamente e socialmente em Coxim, pois os mesmos buscam alternativas de melhorias de vida, trabalhando na pesca profissional. Ainda que, Coxim recebe anualmente vários pescadores armadores de outras regiões do país, ou seja, pescadores esportistas que precisam desses profissionais durante sua estada na cidade, pois estes conhecem os locais de pesca e também os perigos que o rio oferece. Assim, a senhora Auxiliadora Nunes de Souza, com 43 anos de vida, natural da cidade de Goiás, relata suas experiências com a pesca profissional direcionada ao turismo local. Sendo a pesca uma alternativa rentável, afirma que buscou através desse ofício uma valorização pessoal que ainda não havia encontrado antes em seus outros serviços. Trabalhou como faxineira, recepcionista e chegou até ser a gerente do hotel Pintado Azul nesta cidade, mas por falta de reconhecimento resolveu ir trabalhar na pesca profissional, por incentivo de seu esposo que atua como pescador profissional.

Primeiramente, ela apenas pescava como profissional hoje, ela trabalha com seu esposo prestando assistência aos turistas e controla o seu próprio serviço, e são donos de seu próprio negócio. Afirma que a pescaria é um serviço realizado “de sol a sol” e relata que trabalha muito, “quando na temporada mesmo a gente amanhece e anoitece no rio [...] como eu acho ruim nessa época de pesca fechada se fica em casa, eu não consigo ficá, eu já faço tanto crochê pra não ficá parada, [...]”. Assim, mesmo que a profissão seja uma tarefa difícil, para ela representa muito e sente falta da do período de pesca, pois afirma que já se acostumou com a “correria” da época da temporada⁶, em que a cidade recebe turistas de todos os lugares buscando lazer, diversão e descanso mental. Nesse sentido, a senhora Auxiliadora expõe:

[...] eu mi sinto orgulhosa porque eu penso assim, que na época qui eu trabalhava di empregada eu ganhava um salário mínimo eu não conseguia comprar nada eu não tinha nada quando eu fui mora com o Luiz a gente passou muito aperto, muita necessidade e ainda com os guri todo pequeno a gente não podia comprar um nada, um eletrodoméstico pra casa nada cê contava aquele dinheiro, aluguel, água e luz ai depois que a gente começou a pescá mexendo com turismo melhorô muito a gente compramo lote! compramo barco porque quando nois comecemô nós só tinha uma canoinha de madeira ai acho que nois trabalhamos uns cinco seis anos só aquela canoinha, depois nois compramo uma canoa de alumínio, depois compramo barco e compramos motor.

Nesse diálogo, a senhora Auxiliadora nos conta que a pescaria tem um grande significado em sua vida. Em termos financeiros, destaca que, a pescaria e a assistência aos turistas lhe proporcionaram bons rendimentos e, para além do aspecto

⁶ A temporada de pesca compreende o período em que a pesca é liberada, ou seja, fora do período de desova dos peixes. Este período ocorre no início do mês de março até o início do mês de novembro.

econômico, foi uma oportunidade de se valorizar profissionalmente. Nessa profissão, como tantas outras, a mulher não é vista com bons olhos por muitos, devido ao trabalho ser pesado, desgastante e por ser exercida quase exclusivamente por homens nesta região. Mesmo assim, ela ressalta que prosseguiu sua nova profissão trabalhando muito, mas sente-se recompensada e compreende que vive melhor do que antes.

O senhor Antônio Miguel de Andrade Filho, de 41 anos de idade, começou a pescar nesta cidade quando tinha entre dez a doze anos de idade. Ainda bem jovem começou a pilotar para turistas, com motores de popa próprios para barcos de alumínio, e quando completou dezoito anos procurou a Colônia de pesca para se “documentar” como pescador profissional. Relata sua experiência de pescaria no Pantanal sul-mato-grossense:

[...] era uma pescaria meio sofrida porque tinha que decê de chalana ficava longe da família lá uns dez quinze dias [...] fazia acampamento a genti não tinha instrutura né [...] chegava lá, armava uma lona i cozinhava num fogão di lenha í barraca de lona né di veis em quando começava chover muito com o vendaval arrancava tudo as barraca ficava a noite inteira sem dormi [...].

Em sua narrativa o Sr. Antônio revive momentos de muito sofrimento em relação ao acampamento, pois os pescadores se movimentam conforme as condições da pescaria e com o movimento dos peixes. Assim, constroem barracas improvisadas na beira do rio, ficando expostos a intempéries climáticas. Narrou que pescou durante muitos anos e que sempre atuou no setor pelo gosto que tem pela profissão. Aponta como razão para isto, ter crescido na margem do rio, fator que origina um significado de pertencimento a este ambiente. Atua no comércio do peixe, passando de pescador a peixeiro, mas se sente como se continuasse exercendo a profissão, como membro da categoria, e se considera satisfeito:

[...] eu não me arrependo porque eu tô bem eu gosto da minha profissão tenho carteira de pesca até hoje e brigo pela [...] crasse né porque[...] eu nasci na beira do rio pesquei muito, conheço o Rio Taquari, o Rio Coxim, tudo que lugar, tudo quanto pedra que têm no meio do rio, cachoeira a genti conheci intão [...] eu mi considero como um pescador profissional [...].

Conhecendo a realidade do pescador e vivendo a sua experiência, o senhor Antônio demonstra o apego pelo ofício que exerce desde criança. Assim, assume uma postura de colocar-se ao lado da categoria frente a embates e tensões referentes ao exercício da profissão, isso porque ele depende do produto pescado justificando deste modo, a importância da fiscalização e afirma que esta deva atuar pelo bem do meio ambiente e também do pescador. Entretanto, nem todos os pescadores abordados apresentaram sua inserção na pesca profissional em Coxim como decorrente da “riqueza” que a profissão poderia lhes proporcionar. Em certos casos, ficou patente que a escolha deste ofício se deu por conta da falta de outras alternativas de trabalho.

Em busca de sua sobrevivência o senhor Pedro Schimidt, hoje com 57 anos de vida, migrou do Estado do Paraná, devido o represamento da Usina de Itaipu que, segundo ele *esparramou com tudo mundo lá*. Ele já atuava no rio Paraná como pescador profissional e trabalhava na lavoura. Migrou somente depois da inundação “lá eu pescava né muito tempo lá né pra depois eu vim embora pra cá eu só vim pra cá por causa que [...] foi inundado de água lá né” e com a indenização que a empresa pagou ele resolveu mudar-se para Coxim no ano de 1991, chegando aqui verificou que o rio era “bom de peixe”, não tanto como lá, pois antes do represamento *tinha muito peixe e depois não subiu mais*. A mudança para Mato Grosso do Sul, como se pode perceber, não foi motivada por uma noção de “fartura”, mas pela compreensão de que esta região representava uma esperança para ele permanecer no ramo da pesca profissional.

O senhor Jorge Moura da Paixão, natural do Estado de Sergipe, migrou para Coxim no ano de 1964, depois de ter percorrido um longo trajeto com sua família, “chegamos aqui em Coxim ou agricultura ou pescaria porque o comércio com pouco emprego e a cidade pequena”. Assim narra sua trajetória de vida na busca de conseguir um emprego e, ao chegar a Coxim, por a cidade não oferecer uma oferta de empregos nas áreas industriais e comerciais, ele foi trabalhar na agricultura e na pescaria. Para ele o trabalho de pescador profissional significa:

Pra mim ser um pescador profissional igual eu na minha época é abraçar a profissão como o principal meio de subsistência né, porque [...] o pescador ele não pode no meu entendimento principalmente nos rios e especialmente em Coxim, ele não pode ser só pescador profissional ele tem que ter a profissão de pescador profissional como principal meio de subsistência, mas ele tem que ter alguma coisa paralela porque, embora hoje tenha projeto do governo que faz doação de seguro desemprego [...] por quatro meses[...] mas não é suficiente porque é um salário mínimo que os entendido de subsistência entendem qui seria suficiente para uma família [...] e viver numa família digamos de quatro pessoas com 350,00 reais é fazer muita ginástica tem que ser um ginasta econômico muito grande entendi.

Sendo assim, o senhor Jorge não compreendia o ofício de pescador profissional como única atividade que deveria ser exercida pelo trabalhador do ramo. O próprio seguro-desemprego, concedido no período da piracema⁷ é visto por ele como “doação”, ou seja, percebe o pescador como alguém “carente” por assistência. Contudo, isso não o impede de criticar tal projeto, pois segundo ele o valor pago, de um salário mínimo, não é suficiente para uma família sobreviver.

⁷ Piracema é a subida dos peixes em cardumes para as áreas de cabeceira dos rios onde acontece à desova.

Outro fato relevante que o senhor Jorge nos apresenta é em relação à festa da rainha do pescador. A festa parece compor o enredo de uma narrativa de frustração para com a profissão. Ele narra que, “era umas festas simples porque era mais mesmo no seio dos pescadores né não é hoje como a festa do peixe né que é uma festa [...] comercial né”. Aquela festa acontecia na frente da Colônia era uma espécie de quermesse, onde se realizava um churrasco de confraternização da categoria, ocorrendo a escolha da rainha e da princesa da pesca. Na ata da Colônia se trata do assunto, convocando a todos para a organização da festa dos pescadores (Livro de ATAS nº 01, p.25), que atualmente não existe mais. Neste contexto, aborda a questão da festa do peixe que deveria ser a festa dos pescadores coxinenses, porém na realidade acaba sendo apenas uma festa comercial de interesses alheios, no intuito de divulgar a cidade como ponto turístico.

Tais evidências proporcionam conhecimentos dentro de uma multiplicidade de fatos e relatos expressos através das entrevistas, as quais demonstram as particularidades com que cada pessoa realiza uma (re) construção histórica, como aponta Alessandro Portelli: “Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que pensa que fez. Fontes orais podem não adicionar muito ao que já sabemos, (...), mas contam-nos bastante sobre os seus custos psicológicos” (1997, p.31). As falas desses pescadores evidenciaram em suas memórias, apesar de individuais, as experiências, embates e lutas socialmente compartilhadas com um grupo mais amplo de profissionais. Enfim, Paul Thompson (1992) demonstra que, a evidência oral contribui para a construção de uma história rica, viva e comovente. Assim, analisando as narrativas de trabalhadores da pesca, pode-se afirmar que se encontraram elementos revelados dessas vivências, trajetórias e expectativas múltiplas de reconhecimento pessoal e profissional.

Referências

CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco. Memórias de um trauma: O Massacre da GEB. (Brasília – 1959). In: *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo: Editora Olho'Água, 2000.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Editora UNESCO, 2003.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*. Universidade Federal Fluminense. Departamento de História,-Vol.1, nº2. Dez. 1996 – Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Revista do programa do estudo pós-graduado em história e do departamento de história da PUC – SP*. São Paulo: EDUC, Fev/1997.

RIEGEL, Fábio Willian. *Experiências, Trajetórias e Trabalhos: A Pesca Profissional e a Constituição da Colônia de Pesca Nossa Senhora dos Navegantes - Santa Helena - PR (1990-2005)- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História)*. Marechal Cândido Rondon-PR : Unioeste, 2005.

SAMUEL, Raphael. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Scielo, v.9. nº. 19. set.89/fev.90.

SILVA, Miguel Vieira. *Mitos e Verdades sobre a pesca no pantanal Sul-Mato-Grossense*. Campo Grande-MS: FIPLAN-MS, 1986.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TUCHMAN, Bárabara Wertheim. Em busca da história. In: _____. *A Prática da história*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

Depoimentos Oraís

ANDRADE FILHO, Antônio Miguel de. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: no comércio do entrevistado, 04/02/2007.

SOUZA, auxiliadora Nunes de. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na residência da entrevistada, 01/02/2007.

NABAM, Osvaldo. *Entrevista*. Entrevistadora: ENTREVISTA. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na Colônia de Pescadores Z-2 Rondon Pacheco, 25 /01/2007.

OLIVEIRA, Braz de. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na residência do entrevistado, 26/01/2007.

PAIXÃO, Jorge Moura da. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na residência do entrevistado, 19/02/2007.

SANTOS FILHO, Armindo Batista dos. *ENTREVISTA*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: Colônia de Pescadores Z-2 Rondon Pacheco, 25 /01/2007.

SCHIMIDT, Pedro. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na residência do entrevistado, 02/02/2007.